

APROXIMA-SE O

Dia das Missões

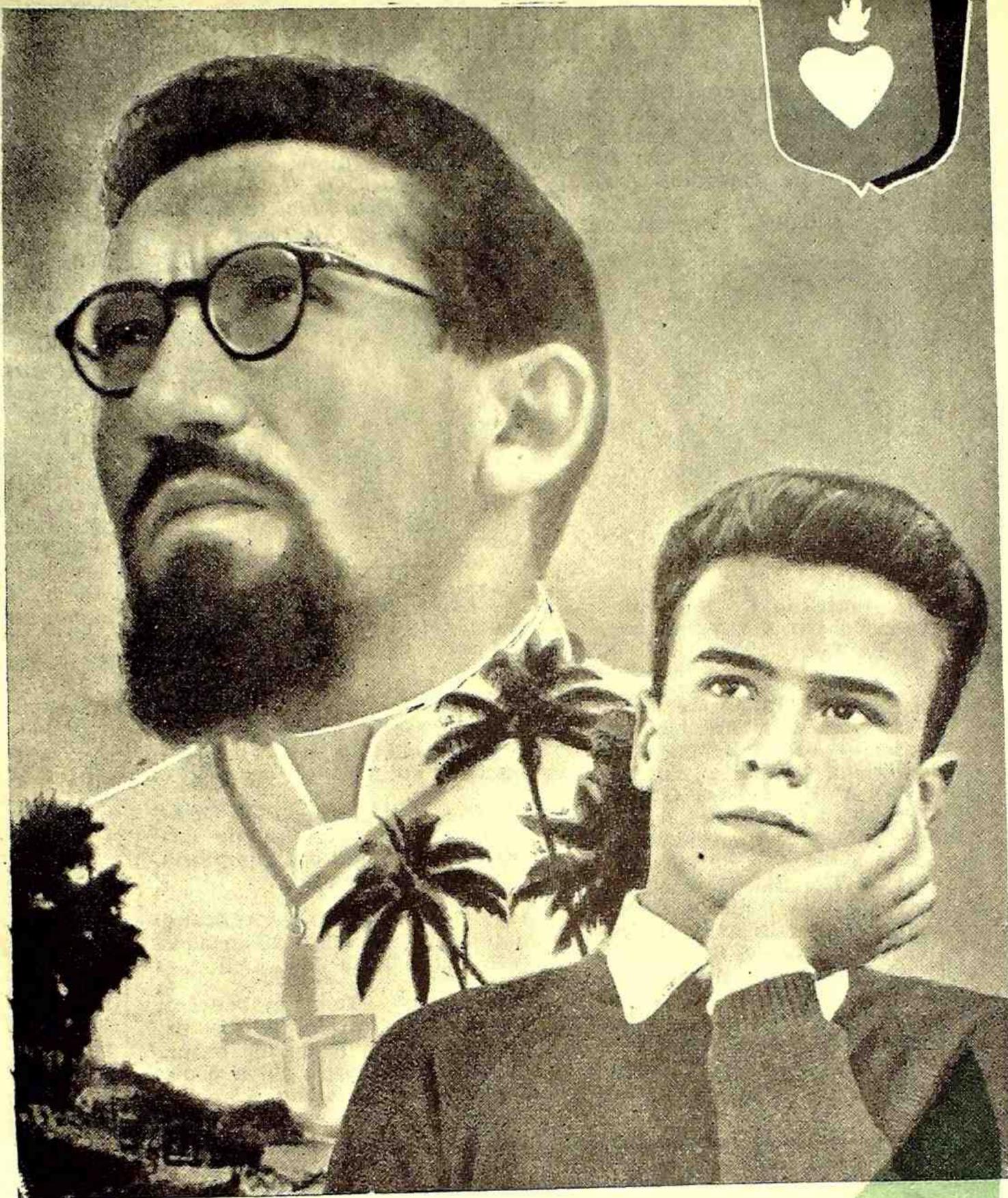
DOMINGO

19 DE OUTUBRO

Ris, tantas vezes, e outros choram... gozas, e outros padecem... alegras-te, e outros sofrem privações, fome e miséria... Os missionários precisam do teu óbolo generoso. Auxilia as Missões católicas; ajuda os Missionários a aumentarem no mundo o número dos filhos de Deus... e rirás mais alegremente ainda. Estás num país civilizado, entre confortos, alegrias e consolações. Auxilia aqueles que deixaram tudo isso... para ir pregar aos infiéis o Evangelho de Jesus. Sê também Missionário. Reza, sacrifica-te e oferece a tua generosa contribuição p e l a s Obras e empresas missionárias. O dia das Missões está próximo!

★

Não há maior pobreza que a do homem privado de Deus e da possibilidade de O conhecer. Eis porque o AUXÍLIO AS MISSÕES ultrapassa tôdas as outras obras de caridade. (Pio XII)



AS MISSÕES — trabalhos do Missionário de hoje...
ideal do missionário de amanhã...

ANO LX

SÃO PAULO, 5 - X - 1958

NÚMERO 37

ave
maria

Uma cadeia de rosas

Quem sabe antes ainda de entrarmos na primeira igreja, e antes de esboçarmos nossa primeira prece, nossos olhos recém-abertos viram o Têrço.

Nas mãos de nossa Mãe... de nossa madrinha, sôbre o genuflexório silencioso, ou ante o oratório da família.

Brincamos, talvez, com êle, e pusemos em tórno de nosso colo, como uma decoração bonita, uma guirlanda de brilhos faiscantes.

Gostáramos, quiçá, de balançá-lo e ouvir o ruído misterioso daquele trissar de continhas, gorgoio de passarinhos celestes...

E não cuidávamos que Deus colocava uma chuva de ouro em nossas mãos pequeninas.

Um talismã feliz, para todos os nossos caminhos.

Uma cadeia de rosas, de hastes elevadas e laboriosas, de espinhos discretos e salutarés, de gloriosas flôres de triunfos.

Roteiro e bênção.

O Rosário de Maria.

Rosas de méritos enlaçam os nossos trabalhos e atividades do lar e da família.

Quando rezamos, fiéis, nos interlúdios de nossas ocupações, em colóquios com os Arcanjos mensageiros.

Quando nossos passos, em caridades que visitam, semelham Maria a caminho da casa de Isabel.

Quando nosso lar espelha a formosura de Belém.

Quando o Senhor nos vê, solícitos, ante os altares de nossos templos.

Quando tôdas as nossas buscas se coroam com o encontro de Jesus.

Uma cadeia de flôres sobrevaloriza nossas lágrimas:

Que choramos nas aflições do nosso coração, abandonado e incompreendido.

Nas dores e chagas do nosso corpo enfermo e atribulado.

Nas preocupações de nossa alma coroada de trevas.

No caminho via-sacra, que vai acumulando nossos méritos.

Na hora última, numa cruz de agonia e num Calvário de dores...

Uma guirlanda festiva de imorredouras luzes aclara nossas esperanças:

Da Ressurreição a florescer do túmulo nossa carne rediviva.

Da subida alvissareira de nossa alma, na asa da humildade.

Do flamear desejado do Espírito de Amor, em nossa vida e em nosso céu.

Da elevação extasiada de nosso corpo, na asa da pureza.

Da coroação ambicionada, na Côte Perrenal, à semelhança da Rainha estremeçada!

O Rosário de Nossa Senhora circunscreve, assim, tôda a nossa existência.

Uma prisão de ouro.

Uma cadeia de rosas.

Ventura nossa, aceitá-lo e rezá-lo, amá-lo e vivê-lo.

Não desejar outro itinerário, nem outro prêmio.

Sintonizar com êle nossa alma e nossa vida.

E, enfim, ao alçar o vôo, ao deixar o chão, ao mergulhar na Eternidade sentir que o Têrço, pequenino e forte, querido e realizado, nos ergue, ainda algemados deliciosamente à Rainha do Rosário, para a revelação triunfal dos mistérios gloriosos.

ESCREVEU

Antonio Pereira Alves de Liqueiry
C. C. C. C.

À MARGEM DO EVANGELHO

DÉCIMO NONO DOMINGO DEPOIS DE PENTECOSTES

Nas derradeiras linhas da parábola, fala Jesus de um convidado que não se apresentara convenientemente vestido e que, por isso, foi alijado do salão do banquete, fulgente de claridade, para fora, onde se estendia a escuridão absoluta da noite.

O banquete, que no início da parábola significava a Igreja na terra, a estas alturas já simbolizava a Igreja no céu. Por conseguinte, ser excluído do festim nupcial é o mesmo que ser atirado ao inferno por castigo. Aliás, Nosso Senhor salienta que fora, na noite, haverá choro e ranger de dentes, o que, é natural, nos sugere a idéia de sofrimentos.

O educador, o condutor de almas se valem de dois recursos antagônicos para encaminhar seus dirigidos aonde convém, porque uns se estimulam com êste recurso e outros se movem mais pelo outro: são a promessa dos prêmios e a ameaça dos castigos. Ora da primeira se utilizou Jesus, ora da segunda. Aqui o divino Mestre nos procura impulsionar para o Céu por meio do castigo.

A ameaça pode despertar em nós o medo e o temor. O medo é mais uma paixão e nos tolhe a atividade, e nos diminui a energia. O temor, não, é mais racional e calmo, levando-nos a agir. Quem se gela de medo dos bandidos, se esconde ou foge. Mas quem sente temor deles, se acastela para a defesa, chama auxiliares.

É fácil de ver qual dos sentimentos quer infundir em nós nosso divino Salvador com a alusão ao inferno. Acaso pretende esmagar-nos com o medo, deixar-nos a tremer de susto, arredios de sua presença? Evidentemente, não. Não nos deseja afugentar, antes, muito ao contrário, com as ameaças do castigo eterno visa trazer-nos para si, arrebatando-nos ao mau caminho.

Jesus quer suscitar em nossas almas o temor salutar, que faça circular por todo o nosso ser ondas de coragem e de vigor. E, assim, arrojarmos à luta contra o ambiente em que a desvergonha é geral, os escândalos sobem de número, perdeu-se a noção de pecado. E, assim, arrojarmos contra nossa moleza congênita, nosso comodismo que recusa esforçar-se, que recusa ter em mira um ideal espiritual em pós do qual corramos sem cessar.

Dêste modo, o pensamento do inferno nos livrará de comparecer ao banquete celeste sem a veste de festa e, conseqüentemente, ser lançado fora de sua participação.

(S. Mateus, XXII, 1-14)

Naquele tempo, tomando a palavra, Jesus tornou-lhes a falar em parábolas, dizendo:

“O reino dos céus é semelhante a um rei que fez as núpcias de seu filho. E mandou seus servos chamar os convidados para as núpcias, e não quiseram vir.

Enviou de novo outros servos, dizendo: — Dizei aos convidados: Eis que preparei o meu banquete, os meus touros e os animais cevados já estão mortos, e tudo pronto; vinde às núpcias.

Mas eles desprezaram o convite e foram-se, um para a sua casa de campo, e outro para o seu negócio. Outros, porém, lançaram mão dos servos, que ele enviara, e, depois de tê-los ultrajado, mataram-nos.

O rei, tendo ouvido isto, irou-se. E mandando seus exércitos, exterminou aqueles homicidas e pôs fogo à sua cidade.

Então, disse a seus servos: — As núpcias com efeito estão preparadas, mas os que tinham sido convidados não foram

— dignos. Ide, pois, às encruzilhadas das ruas, e a quantos encontrardes convidai-os para as núpcias.

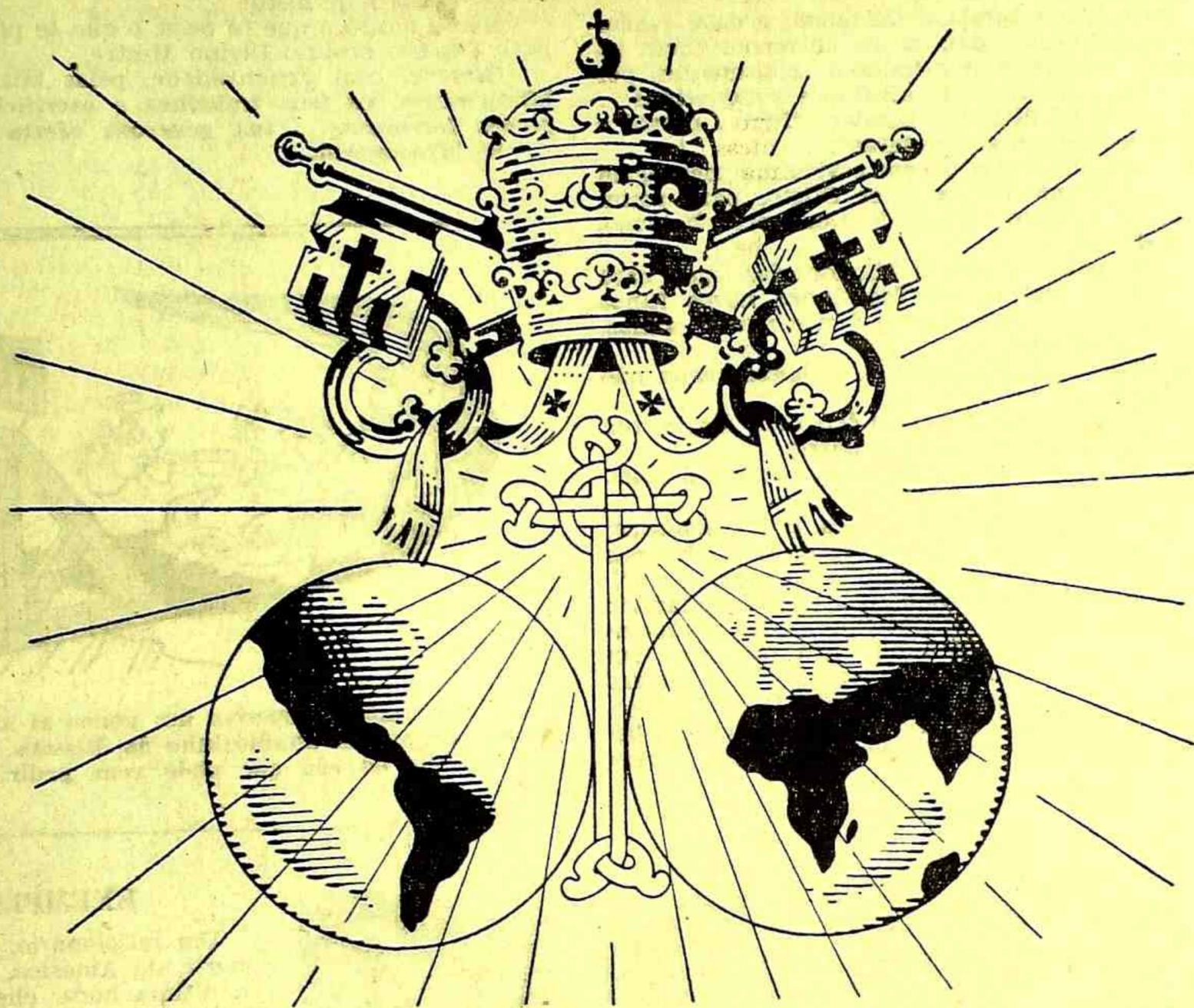
E tendo saído os servos pelas ruas, reuniram todos os que encontraram, maus e bons. E ficou cheia de convidados a sala do banquete das núpcias.

Entrou depois o rei para ver os que estavam à mesa e viu lá um homem que não estava vestido com a veste nupcial. E disse-lhe: — Amigo, como entraste aqui, não tendo a veste nupcial? Mas ele emudeceu. Então, disse o rei a seus ministros: — Atai-o de pés e mãos e lançai-o nas trevas exteriores; aí haverá pranto e ranger de dentes.

Porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos”.

Pe. ATHOS LUÍS CUNHA, C.M.F.

Domingo Mundial das Missões



A VOZ DO PAPA PIO XII

EXORTAÇÃO DO PAPA PIO XII SOBRE AS MISSÕES

Apela à generosidade de todas as almas missionárias, sobre as quais invoca as bênçãos de Santa Teresa do Menino Jesus, a grande missionária dos últimos tempos.

Levantando nossa voz, numa premente exortação em favor das Missões da África, nosso coração não se esquece dos filhos que, noutros continentes, se dedicam à expansão da Igreja. Amamos a todos, e muito especialmente os que no Extremo Oriente sofrem atrozmente. Se a peculiar condição da África foi-nos ocasião de escrever esta Carta Encíclica, não queremos terminá-la sem lançar um olhar sobre todas as Missões da Igreja Católica.

Também a vós, missionários, sacerdotes do clero indígena, religiosos e religiosas, seminaristas, catequistas, leigos militantes sob os estandartes do Evangelho, a todos vós, semeadores da Religião de Jesus Cristo, espalhados por todo mundo e ignorados, nosso testemunho de gratidão confiante. Continuai firmes na obra começada, orgulhosos de servir à Igreja, obedecer-lhe a voz e deixar-se levar sempre mais pelo seu espírito, unidos pelos laços de caridade fraterna. Grande conforto e penhor de vitória infalível será para vós, diletos filhos, pensar que a obscura e pacífica luta, empenhada em favor da Igreja, não é apenas a vossa luta ou da de vossa época ou país,

mas o perene combate da Igreja, combate que todos os seus filhos têm o dever de travar com suma coragem, pois a Deus e aos irmãos devem o dom da Fé recebido no santo Batismo.

Invocando sobre as Missões católicas o duplo patrocínio de S. Francisco Xavier e de Sta. Teresa do Menino Jesus, a proteção dos Santos Mártires e a poderosíssima e materna guarda da Virgem Maria, Mãe de Deus e Rainha dos Apóstolos, repetimos de bom grado à Igreja as vitoriosas palavras do seu divino Fundador: "duc in altum!" (Para a frente!)

Confiante em que nossos pedidos serão atendidos com vontade enérgica por todos os católicos, a fim de que, pelo impulso da graça divina, possam as Santas Missões levar até os confins da terra o esplendor da verdade e das virtudes cristãs, juntamente com o progresso da civilização, concedemos de todo o coração, como testemunho da nossa paternal benevolência e penhor dos dons celestes, a cada um de vós, veneráveis Irmãos, a vossos rebanhos e a cada um dos arautos do Evangelho, tão amados, a Bênção Apostólica.

É uma alma missionária o grande Bispo da TV americana Mons. Fulton Sheen,

Muito ganharam as Missões católicas do mundo inteiro, quando, em 1951, foi eleito Presidente nacional da Obra Pontifícia da Propagação da Fé, nos Estados Unidos, sua excia. Mons. Fulton Sheen, bispo auxiliar do cardeal Spellman, de Nova Iorque.

Desde essa data esta grande alma missionária conseguiu enviar consideráveis auxílios às Missões Católicas do mundo inteiro.

Em 1950, os católicos dos EE. UU. deram às Obras Missionárias católicas mais de 3.500.000 dólares, chegando, em 1957, a 9.700.000, isto é, 2 terços do total de todos os outros países reunidos.

Mons. Fulton Sheen chegou a reunir, sozinho, mais de 3.200.000 dólares para as Missões, adquiridos quase totalmente em contratos e remunerações dos seus tão apreciados programas de Televisão.

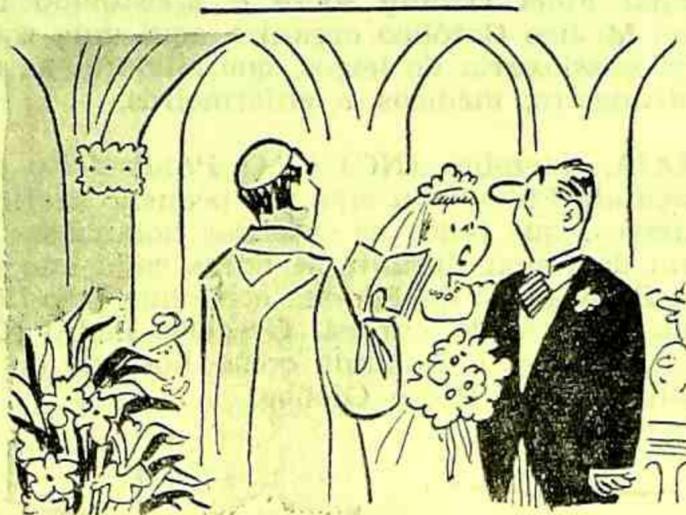
Sua excia. possui um tal dom para a TV, que já chegam a uns 30.000.000 os seus telespectadores. Chegou-se até a dizer que se êle se apresentasse no vídeo tão somente para ler uma lista de números telefônicos, mesmo assim comoveria os corações.

Seu slogan, sua frase preferida: "Deus vos ama". É a frase que se lê, em cima da sua escrivania: "God love You; Deus vos ama".

Em seus programas, sempre, de um ou outro modo, êle está sempre a insinuar: "cavalheiro; os

seus trabalhos de hoje ainda não terminaram; falta a oração; não deixeis de rezar; Deus vos ama".

Sublimes exemplos, magníficas mensagens desta grande alma de missionário, amante das Missões católicas do mundo inteiro.



— Querido: seria bom comunicar ao sr. bispo o voto que fizemos de ajudar sempre as Obras Missionárias?!

ORAÇÃO MISSIONÁRIA

Relembrai, Deus do Amor, essa inefável chama

Que em nossos corações atear anelais.
Nesse fogo do Céu já minha alma se inflama
Pudesse eu atear-lo em todos os mortais!

Duma centelha só, que incêndio não germina!

E não hei de eu, Senhor,
Despargar pelo mundo essa chama divina
Que no meu peito lançou vosso divino

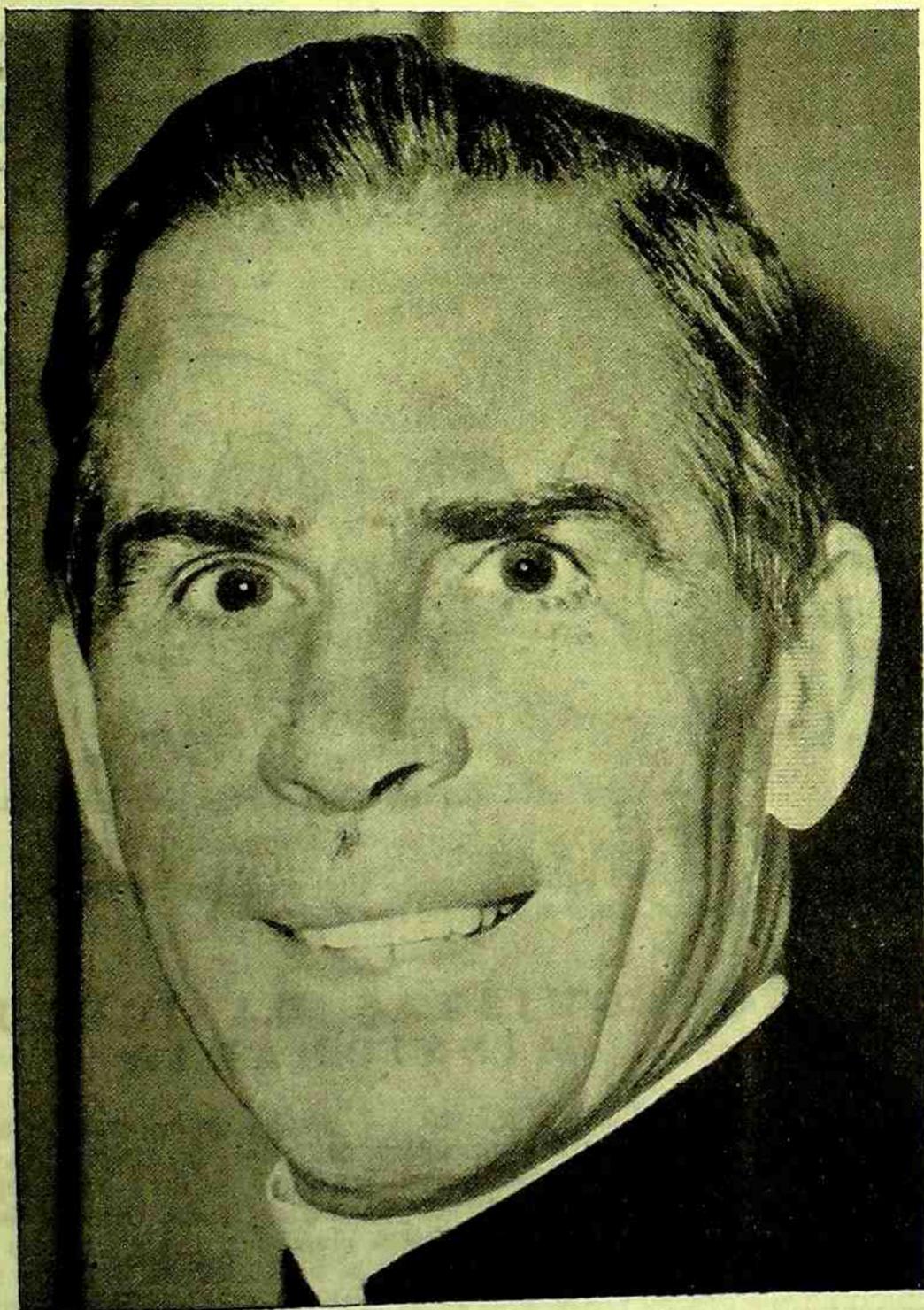
[amor?!]

(Santa Terezinha do Menino Jesus)



— "A bolsa ou a vida"!... mas seria melhor que o sr. me arranjasse alguns cruzeiros para minhas campanhas em prol das Missões católicas.

Número um, na TV americana, Mons. Fulton Sheen é uma grande alma missionária, estando-lhe confiada, desde 1951, a Obra Pontifícia da Propagação da Fé, nos Estados Unidos.



MISSIONÁRIO

● **TOQUIO (NC)** — De acôrdo com estatísticas oficiais oferecidas pela Internunciatura Apostólica nesta capital, o número de japoneses católicos aumentou de 5% no último ano, e de 100% na última década. O total há dez anos era de 120.000 em comparação com 254.114 em junho último, numa população total de mais de 90 milhões. Os sacerdotes nativos sobem a 359 e há 242 aspirantes ao sacerdócio nos seminários maiores e 234 nos menores. Trabalham no país ainda 1.208 missionários estrangeiros.

● **COPENHAGUE, Dinamarca (NC)** — Com grande interesse foi recebido aqui o livro "Nossa Conversão ao Catolicismo", editado pelo Padre Gunnar Martin Nielsen, que narra como abraçaram a Fé 23 di-



— Caro Luís: estou pensando em ajudar as Missões católicas. Este ano quero dar uma boa "bolada" em auxílio aos nossos abnegados missionários.

namarqueses, homens e mulheres antes protestantes ou ateus, entre eles médicos, professores, trabalhadores sociais, jornalistas e oficiais do exército. Inclusive ministros protestantes referiram-se a ele favoravelmente. Aparecerá brevemente outra obra sobre quatro ministros luteranos convertidos ao catolicismo.

● **BAGDAD, Iraque (NC)** — Representando o rei Faisal II, o vice-primeiro Ministro do Iraque, Tawfiq Suwaidi, assistiu aqui à colocação das primeiras pedras dos edificios da faculdade de ciências e escola de comércio da Universidade Al-Hima, dirigida pelos jesuítas nesta cidade. A Jordânia e o Iraque foram uma Federação Árabe da qual Suwaidi foi nomeado ministro das Relações Exteriores.

● **TÓQUIO, maio (NC)** — Agregado à faculdade teológica da Universidade Sofia, nesta capital, foi fundado um Instituto de Religiões Orientais, a cujo cargo estão três professores jesuítas; a Universidade, dirigida pela Companhia de Jesus, começou em abril um novo ano letivo com 3.222 alunos, dos quais uns 380 católicos. O estabelecimento admitiu pela primeira vez alunas e matricularam-se 58.

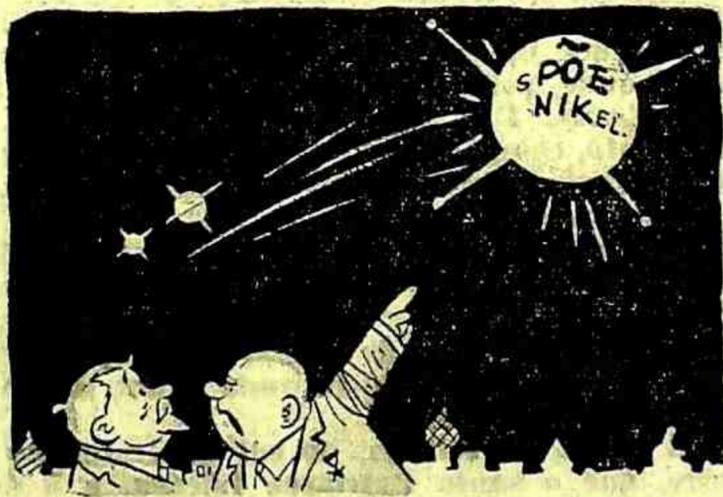
● **HOSPITAL PARA INCURÁVEIS, Madras, Índia** — (A.M.S.) — É um grande conforto para os missionários da Índia, o terem tido recentemente um caloroso testemunho por parte de um alto funcionário do governo a respeito da obra social da Igreja Católica. Por ocasião da inauguração em Madras, da Mercy Home (Casa de Misericórdia), que é um hospital de 4 pavilhões, o Sr. Kamaray, 1.º Ministro de Estado de Madras, disse: "Estou surpreendido pelo número e

qualidade das obras e assistência realizadas por vós, católicos". "Aquilo que muitos partidos políticos dizem querer realizar, os católicos já realizaram". É de se notar que o primeiro Ministro Sr. Kamaray é indu. O hospital poderá acolher 400 doentes. É uma das muitas organizações de assistência social criadas em Madras pelo arcebispo salesiano Dom Luís Mathias. (A.N.S.).

● **PRIMEIROS ESCRITOS EM LÍNGUA XAVANTE, Mato Grosso (A.M.S.)** — Os Missionários Salesianos, após uma expectativa não menos longa quanto ansiosa, conseguiram um primeiro contacto com os índios Xavantes, em fins de 1949 e começaram a missioná-los em 1950. A língua constitui um dos primeiros obstáculos ao zelo dos missionários, sendo por isso mesmo, o seu conhecimento, um dos objetivos primordiais que o sacerdote tem em mente nos contactos com a tribo. As diferentes tribos Xavantes falam diversos dialetos. Já agora, após sete anos de observação e estudos pacientes, foi possível a publicação de uma Cartilha Elementar do dialeto AWEN, trabalho do Clérigo Bartolomeu Giaccaria SDB. Está em elaboração uma obra de maior vulto, constando de 2 volumes: dicionário e gramática.

IGREJA MISSIONÁRIA PERSEGUIDA

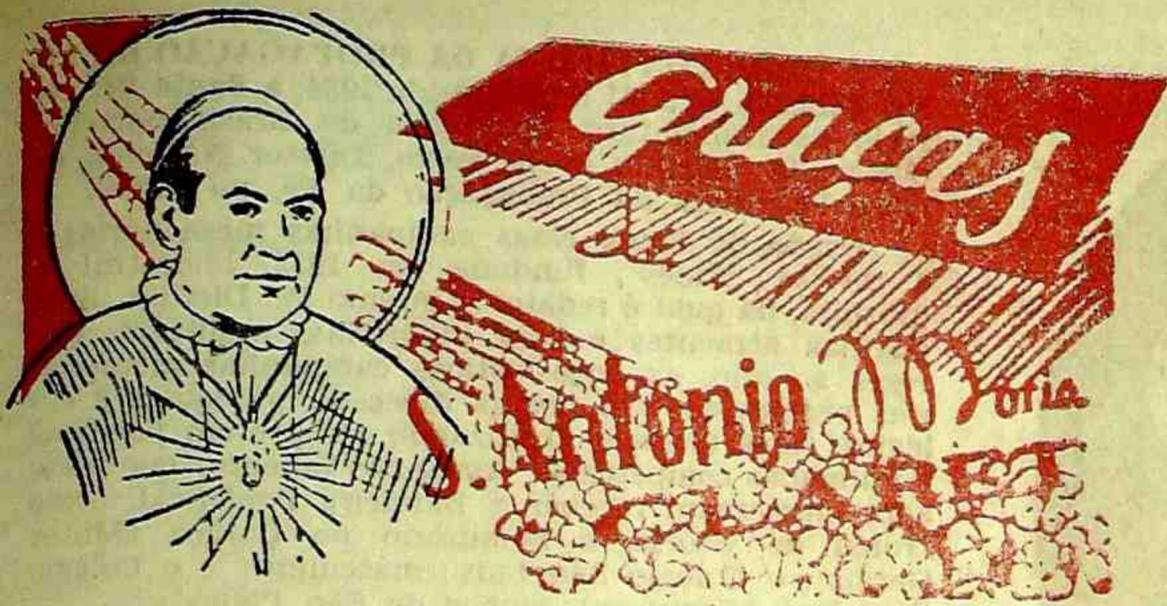
● **HONG-KONG (Ag. Miss. SVD)** — **PREFEREM UM CLUBE A UM ASILO** — Foram expulsas as Irmãs e transferidos os anciãos. Do asilo de velhos fizeram um clube para banhistas. As "Irmãzinhas dos Pobres" possuíam em Xangai um edificio de dois pavimentos destinado ao asilo dos velhos. Anos atrás, os comunistas dêle escorraçaram as irmãs estrangeiras conservando, apenas, as chinesas, muito embora lhes pusessem obstáculos ao ardor apostólico e lhes arrebatassem a direção do estabelecimento. Agora, porém, apropriaram-se do edificio, afastaram as Irmãs e os asilados e transformaram o asilo em clube balneário. (AIF).



— Camarada, mudaram o nome do nosso satélite! Em vez de "Sputnik", escreveram "Põe nikel"; que é isso?!

— Ah! já sei; os americanos pedem dinheiro para as Missões católicas.

● **PERSEGUIÇÃO NA CHINA, China (A.M.S.)** — A perseguição recrudescer. Os missionários foram expulsos de Kaileng, Nanyang, Hanchung, Weihwei. Em Hon-Kong, no entanto, o número de convertidos é já de 100 mil.



TABAPUÁ — Da. Maria L. Machado
 V. REDONDA — Sr. Ramiro M. Sousa
 RIO GRANDE — Da. Giovanna Ballester
 RIO PRETO — Da. Vicentina B. Carrazzone
 SETE LAGOAS — Da. Petrina R. Lanza
 S. JOÃO DEL REI — Da. Maria A. Ferreira
 RIO DE JANEIRO — Sr. Agenor Rocha
 BOTUCATU — Sr. Orlando Canugnoto
 BOTUCATU — Da. Aparecida S. Toledo
 TRÊS CORAÇÕES — Da. Celina A. Junqueira
 N. FRIBURGO — Sr. Alexandre J. Martins
 ITAOCARA — Sr. Antônio G. Ferreira
 SÃO FIDÉLIS — Uma Devota
 CAMPOS — Uma Devota
 MURIAÉ — Sr. Jorge Curi
 Da. Maria da Conceição
 RAUL SOARES — Da. Dalila S. Melo
 Da. Maria L. Salviano
 VIÇOSO — Da. Dalila S. Melo
 Da. Maria Araújo
 RIO CASCA — Da. Ernestina Cândida
 Da. Maria Alvarenga
 Da. Sebastiana R. Silva
 S. A. DO GRAMA — Sr. Osmar Gomes
 TEIXEIRAS — Da. Maria J. Damasceno
 Da. Maria Arruda
 Sr. Domingos L. Faria
 DOM SILVÉRIO — Da. Rita Cota
 Da. Maria P. Couto
 UBA — Sr. Onofre S. Pinto
 BICAS — Sr. Norival Marino
 Da. Maria Marino
 EUGENÓPOLIS — Da. Dirce P. Ramos
 MURIAÉ — Da. I. Dias Moraes
 Da. Maria G. Medeiros
 NITEROI — Da. Leovigilda C. Rocha
 Da. Maria Brandão
 Da. Catarina Scadeferrri
 Da. Pepita Campanera
 Da. Lídia E. Meira
 Da. Marilda Aragon
 Sr. Aureliano Gonçalves
 CEDRAL — Agradeço a Santo Antônio Maria Claret minha cura. Izaltino Mendonça.

BAMBUÍ — Uma Devota
 ASSIS — Da. Maria Bechielli
 QUATÁ — Da. Natalina Roncada
 PR. EPITÁCIO — Da. Benedita D. Dilva
 LEME — Da. Cristina Hilsdorf
 VENANCIO AIRES — Da. Terezi-
 nha Barden
 Da. Aparecida C. Andrade
 Da. Jacelmina Jacomini
 PIRASSUNUNGA — Da. Etelvina
 L. Franco
 Da. Amélia M. Daniel
 GUAÇUI — Da. Edith Castro
 SÃO PAULO — Da. Ruth N. Matos
 BRAGANÇA PAULISTA — Dr.
 Nestor Figueiredo
 CURITIBA — Da. Ementa Maura
 BRAZÓPOLIS — Da. Eloisa P. Fa-
 ria
 Da. Custódia B. Oliveira
 CURITIBA — Da. Maria H. Costa
 Da. Ementa Maura
 CATANDUVA — Da. Wanda M.
 Sediani
 CEDRAL — Da. Branca Mendonça
 QUINTANA — Da. Maria J. Bitten-
 court
 SILVANIA — Da. Ana P. Nasci-
 mento
 PIRACICABA — Da. Cecília Ma-
 chado
 CAMPINAS — Da. Maria R. Gou-
 vêa
 BARBACENA — Da. Luisa S. Fer-
 reira
 VIRADOURO — Da. Marta O.
 Alves
 PÓRTO FELIZ — Sr. Antônio Ri-
 beiro
 RIO DOCE — Da. Geralda T. San-
 tos

BATATAIS — Da. Célia Tolorg
 LAVRAS — Sr. Joaquim V. Pereira
 MIRASSOL — Sr. Luis Franco
 ALEGRE — Sr. Domingos Simão
 ITAPERUNA — Da. Geni G. Ro-
 drigues
 ITU — Da. A. Gianini
 ASSIS — Da. Elza Morelli
 PIRAJUI — Da. Terezinha G. Oli-
 veira



**CURITIBA - Antoninho Claret
 Röcker, cujos pais são muito
 devotos de Sto. Antônio
 Maria Claret**

LAVRAS — Sr. José M. Sousa
 ARARAS — Da. Romilda Xavier
 Da. Zenáide Xavier
 Da. Glória L. Calciolari
 OURO PRETO — Da. Ana C. de
 Oliveira

Como já puderam observar os caríssimos leitores da AVE MARIA publicamos de dois modos distintos os favores recebidos de SANTO ANTONIO MARIA CLARET, conforme seja ou não especificada a graça alcançada. Neste segundo caso apenas indicamos a localidade e o nome da pessoa favorecida.

Desejaríamos nos escrevessem indicando sempre qual a graça obtida. Sua publicação redundaria em maior louvor a Santo Antônio Maria Claret, como também aumentaria a confiança de seus fiéis devotos. Podem se quiserem ocultar o próprio nome sob a expressão "uma pessoa devota".

Entretanto nas cartas a nós dirigidas seria bom pôr SEMPRE o nome e o endereço completo, para nosso particular agradecimento, pelo donativo para as vocações que costumam mandar, e também a fim de enviar santinho, relíquia e novena de SANTO ANTONIO MARIA CLARET.

Caixa Postal, 615
 São Paulo

Pe. José de Matos Pereira C.M.F.
 Diretor das VSC

OS NOIVOS

res de crimes, todos aqueles companheiros de delito, que perdiam uma tão grande força com que estavam acostumados a contar, e que também viam de repente rompidos os fios de tramas urdidas havia longo tempo, no momento talvez em que esperavam a notícia da execução. Porém já vimos que sentimentos diversos essa conversão fazia nascer nos esbirros que se achavam então com êle, e que a viram anunciar da sua boca: estupefação, dôr, abatimento, indignação; um pouco de tudo, menos desprezo e ódio. O mesmo sucedeu aos outros que êle mantinha espalhados em diversos lugares, mesmo também aos cúmplices de mais alta condição, quando souberam da terrível nova, e a todos pelas mesmas causas. Conforme acho no alhures citado trecho de Ripamonti, muito ódio daí adveio, de preferência, contra o Cardeal Frederico. Olhavam a este como a um homem que se intrometera nos seus negócios para estragá-los; o Inominado, êste tinha querido salvar a sua alma: ninguém tinha razão de se queixar disso.

Sucessivamente, pois, a maior parte dos esbirros de casa, não podendo acomodar-se à nova disciplina, nem vendo probabilidade de vir êle a mudar, tinham-se ido embora. Um terá procurado outro amo, quiçá mesmo entre os antigos amigos do amo que deixava; outro ter-se-á alistado em algum "terzo *", como diziam então, da Espanha ou de Mântua, ou de qualquer outra parte beligerante; outro terá ido para a estrada, a fazer a guerrilha, e por sua conta; outro ter-se-á também contentado com andar fazendo o mal em liberdade. E coisa semelhante terão feito aqueles outros que anteriormente estavam às ordens dele em diversas terras. Daqueles, pois, que podiam ter-se acostumado ao novo teor de vida, ou por gosto o haviam abraçado, a maior parte, que era de nativos do vale, tinham voltado aos campos, ou aos misteres aprendidos na primeira idade e depois abandonados; os estrangeiros haviam ficado no castelo, como criados: uns e outros, quase reabilitados ao mesmo tempo que seu patrão, levavam sua vida como este, sem fazer nem receber males, inermes e respeitadas.

Mas, quando, ao descerem as hordas alemãs, alguns fugitivos de aldeias invadidas ou ameaçadas foram ter lá em cima ao castelo para pedir asilo, todo satisfeito de que aqueles seus muros fôsem procurados como asilo pelos fracos, que por tanto tempo o haviam olhado de longe como um enorme espantinho, o Inominado acolheu aqueles debandados com expressões mais de gratidão do que de cortesia; mandou espalhar a notícia de que a sua casa estaria aberta a quem quer que nela quisesse refugiar-se, e logo pensou em pôr só esta, mas também o vale, em estado de defesa, para o caso de quererem Iansquenés ou "cappelletti" tentar vir até ali fazer das suas. Reuniu os criados que lhe haviam ficado, poucos e valentes como os versos de Torti; fez-lhes uma alocução sobre a boa ocasião que Deus dava, a êles e a êle, de se empregarem uma vez em auxílio do próximo, a quem tanto haviam oprimido e apavorado; e, com aquele tom natural de mando, que exprimia a certeza da obediência, nunciou-lhes em geral o que pretendia que êles fizessem, e sobretudo prescreveu como deviam portar-se, para que a gente que vinha abrigar-se lá em cima não visse neles senão amigos e defensores. Mandou depois retirar de uma trapeira as armas de fogo, de corte, de haste, que havia muito tempo ali estavam empilhadas, e distribuiu-lhas; mandou dizer aos seus

aldeões e foreiros do vale que todo aquele que se sentisse disposto viesse com armas ao castelo; a quem não tinha armas, êle as deu; escolheu alguns que fôsem como oficiais e tivessem outros sob seu comando; designou os postos nas entradas e noutros lugares do vale, na subida, às portas do castelo; estabeleceu as horas e os modos de fazer a rendição, como num acampamento, ou como já se costumara fazer naquele castelo mesmo, nos tempos da sua vida desesperada.

A um canto da trapeira havia, à parte, as armas que só êle havia usado; aquela sua famosa carabina, mosquetes, espadas, espadões, pistolas, facões, punhais, no chão ou apoiados à parede. Nenhum dos criados lhes tocou; mas combinaram perguntar ao patrão quais as que êle queria lhe fôsem trazidas. "Nenhuma", respondeu êle; e, ou fôsse voto, ou fôsse mera deliberação, permaneceu sempre desarmado, à frente daquela espécie de guarnição.

Ao mesmo tempo, havia êle movimentado outros homens e mulheres de serviço, ou seus dependentes, para prepararem no castelo para o mor número possível de pessoas, para armar leitos, para dispor colchões e enxergões nos quartos, nas salas, que assim viravam dormitórios. E tinha dado ordem para mandar vir provisões abundantes, a fim de manter os hóspedes que Deus lhe enviasse, os quais de fato iam aumentando dia a dia. Entrementes, nunca estava parado; dentro e fora do castelo, acima e abaixo pela subida, em giro pelo vale, estabelecendo, reforçando, visitando postos, vendo, fazendo-se ver, pondo e mantendo tudo em regra, com as palavras, com os olhos, com a presença. Em casa, pelo caminho, recepcionava os que chegavam; e todos, ou porque já o tivessem visto, ou porque o vissem pela primeira vez, olhavam-no extáticos, esquecendo por um momento as aflições e os temores que os haviam impellido lá para cima; e voltavam-se ainda uma vez para olhá-lo quando, deixando-os, êle prosseguia o seu caminho.

CAPÍTULO XXX

Conquanto a afluência maior não fôsse da parte pela qual os nossos três fugitivos se aproximavam do vale, mas sim pela embocadura oposta, sem embargo começaram êles a achar companheiros de viagem e de desventura, que de travessas e vielas haviam desembochado ou desemboçavam na estrada. Em semelhantes circunstâncias, todos aqueles que se encontram é como se se conhecessem. A cada vez que a carriola alcançava algum peão, trocavam-se perguntas e respostas. Este havia fugido, como os nossos, sem esperar pela chegada dos soldados; aquele tinha ouvido os tambores ou as cornetas; aqueloutro tinha visto os soldados, e pintava-os como sóem pintar os apavorados.

"Nós ainda somos felizes", diziam as duas mulheres: "demos graças ao céu. Vão-se os anéis, fiquem-se os dedos: vão-se os haveres, mas ao menos estejamos a salvo".

Porém Dom Abbondio não achava que houvesse motivo para se alegrar tanto; antes, aquela afluência, e mais ainda a outra maior que êle ouvia dizer que havia do outro lado, começava a preocupá-lo. "Oh! que história!" murmurava êle às mulheres, num momento em que não havia ninguém ao redor: "oh que história! Não compreendem que reunir-se tanta gente num lugar é o mesmo que querer atrair a ela por força os soldados? Todos escondem, todos carregam; nas casas não fica nada; êles acreditarão que lá em cima há tesouros, e lá vão com certeza. Oh coitado de mim! em que canoa furada me embarquei!"

"Oh! êles têm mais o que fazer do que ir lá em cima", dizia Perpétua: "êles também têm que seguir o seu caminho. E, depois, eu sempre ouvi dizer que, nos perigos, melhor é serem muitos a corrê-lo".

(*) Tropa de Soldados — N. do T.

(Continua)